

FIT – FACULDADE INTEGRAÇÃO TIETÊ

Maria Heloísa Zamunér Calocini

**FUGA DA EXCLUSÃO UNIVERSITÁRIA:
ESCAPE PELAS FRESTAS**

**TIETÊ/SP
JULHO 2007**

FUGA DA EXCLUSÃO UNIVERSITÁRIA: ESCAPE PELAS FRESTAS. Maria Heloisa Zamunér Calocini, FIT–Faculdade Integração Tietê SP
heloisacalocini@bol.com.br

Resumo: Este trabalho mostra como pessoas que entraram tarde na faculdade e com muitas dificuldades lingüísticas, permanecem, graças às atividades de leitura; fogem à exclusão. Se leitura/ interpretação é armadilha excludente, há lugar na interação de texto, contexto e leitor para: quebra de preconceitos, leituras marginais, intertextualidades, construções significativas. Há nas rodas de leitura presença do sujeito (não sujeitado), que encontra ouvintes para suas leituras de mundo e histórias de vida, expressões de espaços peculiares. (Bakhtin,1979). Nessa interação, lêem-se textos e dialogam múltiplas vozes. Uma leitura para além das ondas (Palomar), de terra, mar, céu, pessoas.
Palavras chaves: leitura, interpretação, construção de sentido, exclusão.

Seminário 16º COLE: Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão.

FUGA DA EXCLUSÃO UNIVERSITÁRIA: ESCAPE PELAS FRESTAS

Maria Heloísa Zamunér Calocini

Introdução

Sob um olhar crítico, espremido entre o leque de oportunidades de se cursar o ensino superior e as dificuldades que alunos encontram – principalmente aqueles que pararam alguns anos de estudar, ou fizeram supletivo – observo, que um trabalho diferenciado com textos os mantém, ainda que de modo sofrível, no ensino superior.

Se leitura, interpretação e produção de textos são “armadilhas excludentes” para a maioria dos acessos sociais com passagem pelo ensino superior, um número significativo dessas pessoas pode escapar da exclusão pelas frestas.

Graças a um trabalho em que se mescla conhecimento, ensino e interação com leitura, interpretação e escrita: constrói-se pontes; há resgates; recupera-se; há avanços e, em especial construção-reconstrução do novo e do velho.

Na porta fechada (para os que têm grandes dificuldades de leitura, interpretação e escrita), sobram frestas para construção de ensino aprendizagem. Ainda que no disque-disque incessante, os alunos encontrem nessas frestas de salvação, outras prisões, outros laços e mais e mais arapucas. São unhas, dentes, cipós, arames e aspirais caçando e enrolando os excluídos da escola, do ensino; àqueles excluídos do ensino superior e excluídos da ascensão social.

Para adentrar ao ensino superior, portanto há frestas de salvação, mas há perigos. A jaula que atrai e segura e prende: dificuldades de aprendizagem, impossibilidade de pagar, esgotamento físico e psicológico. Outros ganchos e amarras aparecem em cada canto dessas catedrais que guardam uma caixinha de segredos; sem chaves, é lógico.

No dilema entre excluído e caçado, impossível nadar contra a correnteza. Pula-se na Barca. Se onzeneiro ou parvo, é forte o chamado do Diabo: *“Entra, entra e remarás! Não percamos mais maré!”* Não há ‘*todavia*’ e nem: ‘*Quem me cegou?*’. E, não há Anjo para o tolo, que agora diga: *“Tu passarás, se quiseres; porque todos seus fazeres por malícia, não erraste. Tua simpleza te baste para gozar dos prazeres”*. (Gil Vicente)

Observa-se nesta notícia de 28/05/07 do Inep, o esforço para entrar no ensino superior com o título: Ingresso na faculdade é a principal razão pela qual internautas vão fazer o Enem 2007.

Dos 22.473 votos enviados por internautas para a enquete: “Por que você vai fazer o Enem 2007?”, 72,2% indicaram que é para entrar na faculdade ou para conseguir pontos para o vestibular. Em segundo lugar ficou a opção “Para testar meus conhecimentos e minha capacidade de raciocínio”, com 15,8%.

O ingresso na faculdade ou o somatório de pontos para o vestibular também foi o principal motivo pelo qual os jovens disseram fazer o Enem 2006, quando responderam o questionário socioeconômico. Em segundo lugar ficou a opção “Para testar meus conhecimentos/minha capacidade de raciocínio”, com 17,94%.

Mas, quantos estudantes desistem logo depois, não conseguem acompanhar. Caminho bonito, cheio de encantos, árduo. É preciso esforço, estudo, tempo, dinheiro e mais, muito mais. Alguns ficam, pagam com sangue, vergonha, dinheiro, tempo pela sua incompetência.

Aluno A – em um depoimento escrito no início do semestre: 27/04/2007:

“... mais como eu tinha vontade de estudar fiz um esforço e consegui terminar o segundo grau mesmo que isto mim custou muito trabalho”

Mesmo aos tolos o estigma foi implantado: sem ensino superior não tem emprego, não tem sucesso, não há paraíso... Onzeneiro e tolo são navegantes; não lêem ondas com Palomar, mas na Barca do Inferno sonham com Camões em direção à Ilha dos Amores, alisados por deuses e ninfas. Alunos, que julgados pelo paradigma dominante – com certeza são considerados sem a condição mínima – de cursarem uma faculdade. Mas ficam no mar. A exclusão é triste. Importa a eles descobrir Caminhos.

Com Raul Seixas:

Você me pergunta aonde eu quero chegar
Se há tantos caminhos na vida
E pouca esperança no ar e até a gaivota que voa
Já tem o seu caminho no ar
O caminho do fogo é a água, o caminho do barco é o
porto, o do sangue é o chicote, o caminho do reto é o
torto.
O caminho do bruxo é a nuvem, o da nuvem é o espaço, o
da luz é o túnel, o caminho da fera é o laço.
O caminho da mão é o punhal, o do santo é o deserto, o
do carro é o sinal, o do errado é o certo.
O caminho do verde é o cinzento, o do amor é o
destino, o do sexto é o cento, o caminho do velho é o
menino.

O da água é a sede o caminho, do frio é o inverno, o
peixe é a rede, o do pio é o inferno.
O caminho do risco é o sucesso, o do acaso é a sorte,
o da dor é o amigo, o caminho da vida é a morte.
E você ainda me pergunta aonde eu quero chegar
Se há tantos caminhos na vida
E pouquíssima esperança no ar e até a gaivota que voa
Já tem o seu caminho no ar
O caminho do risco é o sucesso, o do acaso é a sorte,
o da dor é o amigo, o caminho da vida é a morte.(Seixas)

Ficam no mar. Ficam na Barca. Permanecem pelo medo, pois,

“Nascemos escuro. As existências são poucas: Carteiro, ditador, soldado.
Nosso destino incompleto”
(Drummond, 2006)

Para esse mercado do ensino, apesar de oferecido sob variadas amostras de qualidade e desembolso, há muitas ofertas. No Portal do Inep (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), lê-se sobre o ensino superior:

Os últimos dados consolidados da educação superior brasileira, do Censo da Educação Superior 2005 apontam que em 2005 foram oferecidas 2.435.987 vagas pelo sistema de educação superior, 115.566 a mais que no ano anterior (aumento de 5%). Inscreveram-se para disputar essas vagas em 2005, 5.060.956 candidatos, 6.964 a mais que em 2004, representando um acréscimo de 0,14% na demanda por vagas. Efetivamente, ingressaram na educação superior: 1.397.281 novos alunos, perfazendo um total de 4.453.156 matriculados.

Mas, pessoas que estudaram há vários anos, agora não conseguem a interligação de conteúdos e a problemática agrava-se quando se analisa leitura e escrita. Os filhos de supletivos, ou, de ensino público, de baixa qualidade, com certeza sofrem mais. O mesmo leque de oportunidades, que se abre para entrar, também se fecha e vira empecilho.

Fazendo um trocadilho com Gullar:

“No mundo há muitas armadilhas e o que é refúgio pode ser armadilha, e o que é armadilha, pode ser refúgio”.

Na Barca, rumo à Ilha dos Amores o grande divisor de águas: Leitura, Interpretação e Escrita de Textos. Há uma grande pedra no meio do caminho. Como avançar?

Passagem pela pedra das Tormentas:

Na realidade do ensino superior não cabem deuses; nem ninfas (mitologia em baixa). Não há mel da jurema (emoção é coisa de auto-ajuda) e, por isso não há beber de cálice sagrado. O Anjo para carregar tolo (da Barca do Inferno) não vem. (imposições de mão, milagre fácil, nem com o Papa “novo”). Muitos querem o “saber superior”, mas há uma “pedra no meio do caminho”: **As dificuldades com a leitura, interpretação e escrita.** Como? Proibido a entrada? Ou? Proibida entrada? Como (escrever)? Ou, como tirar a pedra?

Em nossa região, pessoas marginalizados pelo estudo, correram contra o tempo: querem o ensino superior. Buscam a abreviação do ensino fundamental e médio; atropelam as regras gramaticais; encurtam conceitos das mais diversas áreas, fazem generalizações, usam a repetição de chavões ventilados pela mídia e é normal a mastigação de lemas de campanhas públicas de leitura. Ainda, a ingerem, nem sempre diretamente, muito lixo da internet; para uns uma tecnologia de novidade na faculdade. Observo, lendo e conversando com colegas de trabalho que é um retrato até desgastado. Interessa-me não o dado fiel aqui, e sim como remover “a pedra do caminho”.

Tomo pequenos trechos de escrita e depoimentos de alunos do 1º semestre de diversos cursos. O objetivo é mostrar um trabalho com textos que permita no decorrer do ensino da disciplina de Leitura e Produção de Textos, senão transformar esses alunos, pelo menos oferecer mudanças significativas para que consigam cursar o ensino superior e reverter – através do trabalho social deles – a nossa realidade.

Extraídos de exercícios de alunos (curso noturno - 1º semestre de 2007).

1-Trecho de uma redação sobre a importância da comunicação:

“São existente três formas de se relacionar tem é o isolamento, onde vive-se em um mundo de tremor, não nos comunicamos podendo ser gerado essa barreira por situações anteriores causaderas de frustrações”

Aluno P

2- Comentário: entendimento de texto (diferenciar linguagem oral/ escrita):

“Na linguagem escrita o produtor precisa suprir e ciennstituir um texto que se deve ser organizado de forma inteligibilidade, escrever não é apenas traduzir em sinais gráficos é sim denominar recursos específicos”.

Aluno P1

3- Comentário: entendimento de texto (formas de relacionamento):

“Há momentos que as formas de isolamentos, são positivos, e outros negativos”.

Aluno P3

São dificuldades das mais variadas possíveis:

Entendimento da idéia do texto;
Expressar a idéia, quando entendeu;
Domínio da linguagem;
Domínio da gramática textual;
Falhas nas estruturas verbais e nominais;
Dificuldade em copiar termos e expressões;
Domínio vocabular básico;
E, outros.

Um remar contra a correnteza. É preciso fazer com estes alunos um trabalho forte e sério, a fim de que estes possam caminhar, para que não desistam, ainda que para vários, torna-se impossível prosseguir.

Interessa-me aqui “remover a pedra”, principalmente quando esses alunos são esforçados, mostram interesse e mais, querem se modificar. Muitos querem, por isso o meu empenho.

Mas, por outro lado: Como é dolorido ver a educação presa: às amarras sórdidas da corrupção e de seu lobby, na apatia da sociedade, na busca de soluções paliativas por educadores e instituições, ou sonhos milagreiros para esses alunos.

Em nosso país muita gente os vê como “um bom mercado”, querem lucrar e angariar dividendos com eles. Por outro lado, há empenho de pesquisadores na busca da construção de conhecimento. Como ensinar? O que lhes é mais pertinente aprender? Como ser professor educador e colaborador para a não exclusão? É possível ver além do Diabo na Barca, arapucas, tormentas e laços que aprisiona?

Frente à problemática, é simplista demais a idéia do “empurrão” Barca adentro. E a aprendizagem, a transformação? Como inserir essas pessoas no processo e fazê-las produtivas, não apenas na sala de aula, mas à sociedade? Cobrir com verniz barato, facilitação, no viés lê-se exclusão. Como torna-los leitores, interpretadores e escritores de textos? É o impasse. É o problema.

É preciso equilíbrio da percepção. E, com Fernando Pessoa ver além das idéias.

(...)

“Não basta abrir a janela

Para ver os campos e o rio.

Não é bastante não ser cego

Para ver as árvores e as flores.

É preciso não ter filosofia nenhuma.

Com filosofia não há árvores: há idéias apenas”. (...) (Poemas Inconjuntos. 1913-1915. Alberto Caeiro).

Venho observando que, principalmente no ensino superior particular noturno, entre esses alunos com dificuldades em leitura e escrita, também há os que trazem algumas marcas bem específicas: vários são mais velhos que os demais da sala. Apresentam, geralmente as condições abaixo relacionadas:

Maduros - perto dos que concluem o ensino médio;
A grande maioria trabalha;
Emprego – geralmente com pouco uso de tecnologias;
Usam pouco a Internet;
Repetem refrões da mídia e acompanham noticiário;
Geralmente têm cargo de confiança ou são líderes nas empresas;
Fazem amizade com professores, coordenadores e serviçais;
Relacionam muito bem com a turma da sala;
Escolhidos como monitores, coordenadores, encarregados, representantes;
Não faltam;
Disciplinados e organizados, com materiais de aula sempre em dia;
Não perdem tempo; fazem tarefas de casa enquanto outros descansam;
Dão conselhos aos mais jovens;
Relatam suas histórias de vida;
Não mostram medo de enfrentar as dificuldades;
Persistentes nas lutas e determinados;
Participam da aula: perguntam, colocam as idéias pessoais;
São éticos e companheiros;
Comprometidos e ligados à família;
Ficaram sem estudar vários anos: falta dinheiro, filhos, família, trabalho;
Dificuldades com matemática, biologia, química, física e, em especial em lidar com textos. Não são leitores;

Não são “tios ou vovôs” da turma; são valentes, corajosos, homens e mulheres: soldados, artistas, timoneiros. Lêem a realidade. Enxergam as águas revoltas. Espreitam as ciladas. São bons marinheiros. Percebo que tais alunos apresentam uma riqueza para além dos garranchos de suas letras, da gagueira nas leituras, nos movimentos mais demorados com o lápis, a caneta e o papel.

Com certeza não se fará com estes, apenas um robô com sono, cansado, meneando a cabeça em sim, não, talvez, exatamente, é, pois, nem sei.

É preciso inventar ações concretas, mas nem sempre é tão simples:

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva
Norte e Sul” (...) (Aquarela, de Vinícius e Toquinho)

Observando os alunos mais maduros, Interagindo com o grupo percebo “a pedra” e também experimento nas frestas do caminho estreito que a mesma a mesma força que os aprisiona é laço que sustenta e segura. A solução está no problema. A remoção da pedra está na própria pedra. Todos os envolvidos no processo educacional vêem o problema. É de impossível solução. Como ensiná-los a leitura de modo correto; escrever adequadamente, interpretar com múltiplos olhares?

O envolvimento de todos da sala discutindo, conversando, posicionando, com diretrizes reflexivas e de ação sob liderança do professor faz com que estes não se preocupem com os empecilhos do caminho e sim com a necessidade de chegar e, juntos avançar. Diálogo e participação do professor, envolvendo-se com eles, tornando-se “amigo professor”. A pedra, aos poucos começa a se debulhar e vai servindo de calçamento. O resultado vai aparecendo, enquanto se planeja ou se elabora a ação, especialmente nas dinâmicas de grupo. Ajudam-se, corrigem-se, emprestam material, há um empenho em que a turma resolva as atividades. Há um envolvimento da classe. É prazeroso o trabalho e o resultado vai chegando devagar. Mas o professor tem que puxar a corda na frente, que sempre os mais maduros estão juntos, e mais um, outro. E o laço que aperta-os vai afrouxando, a pedra enorme vai se esfarelando. Mas há um projeto de chegada. Até o final do semestre precisamos conseguir ... Tenho certeza que vocês vão dar show ... Vocês melhoraram aqui... Falharam aqui... Vamos, conseguiremos ... E, muito trabalho para o professor: sentar com o aluno, corrigir os textos, apontar caminhos, acompanhamento individuais. Mais que um laboratório. Analisa-se, trabalha-se e avança com metas de chegada.

Algumas atividades de sala de aula:

Ler e comentar textos;
Ouvir; falar sobre: construção, objetivos, características dos textos;
Escrever, criar, corrigir e ainda questionar;
Refletir; questionar; cobrar; mostrar defeitos e falhas; sentir avanços;
Correção na lousa, no caderno, sentando com os alunos;
Uso da informática: data show; filmes; microcomputador; filmadora;
Ouvindo-os nos seminários;
Aplaudindo-os pelo filme criado pela sala.
Gerando atividades, ações, participações espontâneas;
Muita leitura: narrativa; dissertações; poesias; documentos; jornais;
Muita escrita: criação de textos; textos comerciais; textos críticos;
Interpretação não só literal: não só do texto, mas da interação desses;
Conotações; símbolos; figuras;
Relevância e significações dos textos;
Contextualidade;
Intertextualidade;
Leitura de viés, das bordas, do avesso;
Trabalho em equipe; trabalho sozinho; sem colagem; em parceria;
Pesquisa: como e onde buscar – orientação para os seminários;
Gramática: estudo das regras; vícios de linguagem;

Valorização das questões dissertativas: leitura, análise;
Cobrança: Objetividade, clareza, coesão, coerência e correção;
Tema do 1º semestre/ 2007: Desenvolvimento Sustentável
Leituras individuais: escolha (ficção, jornalísticos, auto-ajuda, ...)

É através dessas atividades que os alunos podem fugir da exclusão universitária e graças a essas frestas permanecem e saem diferenciados do ensino superior, pois terão condições para ler e pesquisar os conteúdos dos próximos semestres. Mas não é isso apenas: o trabalho de um professor no primeiro semestre. Para uma completude o ideal é o envolvimento dos demais professores, assim como o suporte da instituição para um trabalho paralelo aos sábados (o regular é noturno) com os mais fracos. (Isso já se engatilha nesta instituição acima referida).

Se o conhecimento de senso-comum ajuda na construção da ciência, e o domínio da linguagem oral quase sempre ainda faz o vendedor, o negociador, o líder, o contador de histórias não se pode desprezar qualquer avanço. Mas jamais contentar-se com um pouco de progresso. É preciso chegar às metas propostas. Assim, há lugar na interação de texto, contexto e leitor a quebra de preconceitos, leituras marginais, intertextualidades, construções significativas. Há nas rodas de leitura presença do sujeito (não sujeitado), que encontra ouvintes para suas leituras de mundo e histórias de vida, expressões de espaços peculiares. (Bakhtin,1997).

E, nessa interação, lêem-se textos e dialogam múltiplas vozes. Uma leitura para além das ondas de Palomar, de terra, mar, céu, pessoas. É mais que fazer análise do discurso. O discurso é também ferramenta, para nessa ação reflexiva ter no momento certo a palavra que encoraja, que corrige, que ensina, mas não uma voz autoritária e só. Pois, nesse trabalho de construção e desconstrução de textos, professor, aluno, o grupo, o indivíduo, os meios fazem um zigue-zague de vozes. Fazem escolhas de palavras, de gêneros de textos. Há infinidade de construção de significações; o grupo dinamiza-se e uma cadeia se forma. Há compromisso que os modifica, tornando-os senhores de seus discursos. Donos de suas vozes. Arautos de idéias e ações.

Segundo Bakhtin(1992), a pessoa escolhe do seu meio a palavra e as expressões mais adequadas para criar o seu texto. A palavra é um produto de troca na interação social e nessa riqueza de linguagem, o falante faz a opção não somente pela palavra, mas pelo gênero do discurso, o de melhor significação a cada momento do cotidiano. Nessas rodas há o comprometimento, o reconhecer erros e conquistas.

Aluna – Após exame da disciplina de Leitura e Produção de Texto, 4/7/07:

“Professora, valeu eu ter ficado para o exame. Agora aprendi tudinho sobre essas regras de concordância, acentuação, ortografia e, minha dissertação ficou boa também. Se me tivesse passado, não estudaria. Obrigada”.

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail; **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____ **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. Hucitec, 1997.

DRUMOND, Carlos de Andrade. **O Medo**, p.35 in **A rosa do povo**. Record. 31^a.edição, 2006. Rio de Janeiro. São Paulo.

INEP - **Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Internet.

Trechos - **Textos de alunos, cadernos, avaliações**. FIT – Faculdade Integração Tietê